

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 266
11 de outubro de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos!

Eu não sei se, nas próximas aulas, será possível fazermos um estudo sistemático sobre os problemas levantados a propósito da filosofia de Kant, mas pelo menos algumas notas eu tomei e vamos explorar um pouquinho o assunto durante algum tempo.

Vocês já sabem que não costumo prosseguir no exame de um mesmo assunto por muito tempo: nós vamos um pouco, paramos, pegamos outro assunto, damos uma volta, depois voltamos... isto tem sido assim e tem mais ou menos funcionado porque, em vez de o aluno receber uma estrutura pronta, uma explicação totalmente hierárquica já pronta, ele mesmo, com as peças isoladas que vou lhe fornecendo, vai montando a sua compreensão das coisas. Talvez saia um pouco diferente da minha, mas isso não é importante.

O importante é que nós saibamos, no essencial, do que estamos falando.

Este texto que disponibilizei para a aula de hoje se compõe de três pedaços, dos quais o primeiro foi publicado como artigo no *Diário do Comércio*, o segundo provavelmente também será e o terceiro eu não sei. Ainda devo confirmar. Ele trata de problemas de método que deveriam ser enfocados antes de atacar um problema na sua materialidade.

É claro que toda essa investigação de método já foi encaminhada tendo em vista o assunto que será tratado depois, e que é justamente o da herança kantiana. Tenho insistido muito que praticamente todas as idéias circulantes na política ocidental nos últimos 100, 80 ou pelo menos 50 anos têm uma origem pelo menos remota no pensamento de Kant; estamos vivendo dentro de um mundo kantiano! E uma demonstração disso realmente não é fácil, porque não podemos nos contentar com analogias genéricas — coisas que se parecem com o pensamento de Kant —, mas temos de mostrar uma identidade de estrutura interna muito rigorosa.

Por incrível que pareça, um estudo dessa natureza nunca foi feito. E também não vou fazê-lo inteiramente (só estou lançando as suas bases), até porque seria um trabalho para muitas décadas, quero dizer, o repertório de toda a herança kantiana que está colocada não na filosofia, mas na cultura em geral: na educação, nas idéias morais religiosas, na legislação, mas, sobretudo, no estado e nos pensamentos correntes em todos os debates políticos. Ou seja, o repertório seria imenso! Quando nós comparamos a influência de Kant com a influência de Karl Marx, este desaparece!

A influência de Kant é muito mais vasta, embora muito menos gente conheça o seu pensamento. E é natural que seja assim, porque um filósofo não influencia a cultura e a

sociedade pela expansão ou divulgação direta e explícita das suas idéias, mas por certas chaves que ele colocou e que são repetidas de maneira mais ou menos inconsciente por pessoas que nem sabem quais seriam suas origens. Quanto menos souberem, melhor! De modo que, antes que Antonio Gramsci inventasse a expressão "poder onipresente e invisível de um imperativo categórico" — não por coincidência usando para tal um termo kantiano: o "imperativo categórico" —, Kant já havia ele próprio se transformado num poder onipresente invisível. Não é impossível que, ao expressar esse ideal, esse objetivo, com um termo kantiano, Antonio Gramsci tivesse mais ou menos uma vaga idéia do que estou dizendo agora. Kant, por si mesmo, embora sem constituir um partido político, era uma força onipresente e invisível, sendo ainda hoje mais do que nunca! E, por isso mesmo, acho impossível nós nos livrarmos de certos fantasmas que assombram a cultura e a mente contemporânea, sem rastreamos as suas origens até o pensamento de Kant.

E a seriedade do empreendimento é tal que não se pode atacá-lo diretamente, nem se pode atacá-lo, creio eu, pelos instrumentos usuais empregados na história da filosofia ou na história das idéias. Como já dissemos, a história da filosofia é uma coisa, a história das idéias é outra, mas aqui precisamos de uma ponte entre as duas (histórias das idéias, das mentalidades, da cultura, da filosofia), para podermos chegar a entender este elo em que Kant ocupa um lugar central; não só na história da filosofia, mas em toda a história da cultura contemporânea e sua influência, indo infinitamente além do campo propriamente filosófico no qual costuma ser estudado.

Vou ler este texto e comentá-lo para vocês. O título é provisório, e se chama "A Filosofia e Sua Estrutura":

"A estrutura de uma filosofia é o que ela tem de mais patente e de mais oculto ao mesmo tempo. Patente porque está presente em todas as suas partes, mesmo as mais ínfimas e humildes, as quais nada são fora dela. Oculto porque só está presente no fundo, como chave de travamento do conjunto, e jamais como parte do tema explícito de qualquer das partes. O filósofo que tomasse como tema a estrutura de sua própria filosofia para discorrer sobre ela, já a estaria, neste mesmo momento, inserindo-a como parte numa estrutura maior, a qual permaneceria então como plano de fundo. Uma das conseqüências disso é que a estrutura jamais pode ser revelada por nenhuma análise de texto, por mais meticulosa e bem cuidadinha que seja, a qual só leva à estrutura da exposição ou da obra escrita, cuja relação com a estrutura da filosofia propriamente dita é sempre variada e ambígua."

Veja que estou dando a este tema "estrutura" uma acepção que é diferente do que temos, por exemplo, no livro de Martial Gueroult, ou em outros estudos orientados pela idéia de estrutura do pensamento de um filósofo.

"O método para apreender a estrutura de uma filosofia tem que partir dos seguintes princípios: (1) toda filosofia, por abstrata e desinteressada que pareça, é uma intervenção no curso dos negócios humanos. Visa sempre a modificar ou reforçar o estado de coisas na sociedade, na cultura, na ciência, na religião, nos costumes ou mesmo na condição humana em sua totalidade;"

Já estamos na plena fronteira entre história das idéias e história da filosofia, porque estamos encarando a filosofia como ação humana, como intervenção consciente de um indivíduo no rumo da história e no estado de coisas na sociedade e na cultura. Logo, para mim parece absolutamente evidente que nenhum filósofo tenha se dedicado à filosofia simplesmente porque gostasse de filosofia. Desconheço qualquer exceção. Isso é próprio do amador, do beletista, do letrista, do diletante... O filósofo se dedica à filosofia por razões muito sérias e que, no entender dele, afetam o destino de toda a humanidade ou pelo menos da cultura na

qual ele está vivendo. E, em todos os casos, em todas as biografias de filósofos, veremos que alguma atitude do filósofo perante o estado de coisas na sociedade e na cultura é a motivação inicial que o coloca no rumo dos estudos filosóficos. Mesmo que ele tenha começado a estudar filosofia a mando de uma faculdade, aos 18 anos, sem sequer saber o que estava fazendo, mesmo quando este é o caso, o desenvolvimento do curso posterior, o desenvolvimento intelectual do filósofo é determinado pela preocupação com problemas que também interessam a todo o restante da sociedade, a todo o restante da espécie humana.

Portanto, nenhum filósofo se dedica à filosofia tendo em vista problemas especificamente filosóficos no sentido escolar do termo. Os problemas de que um filósofo trata são problemas que afetam a cultura como um todo. É claro que ele vai desenvolvê-los segundo a modalidade técnica que é própria da filosofia e não é de outras disciplinas, mas o ponto de partida nunca é um problema filosófico tal como esses que aparecem nos programas escolares. Por exemplo, o problema do determinismo e livre arbítrio, ou o problema da origem dos conceitos; são definições técnicas [0:10] de problemas filosóficos que são estudados nos currículos universitários. Nenhum filósofo começa com isso. Primeiro, porque ninguém nasce filósofo: o sujeito tem que se tornar filósofo, e até chegar lá ele tomou contato com a sociedade, com a cultura, com a vida humana, adquirindo uma série de preocupações que não são próprias nem dele e nem da profissão filosófica, mas que são compartilhadas por muitas outras pessoas.

"(2) Para este fim, ela — a filosofia — procede a um exame em profundidade dos obstáculos, cognitivos ou de qualquer outra ordem, que impedem ou dificultam a sua consecução, tentando criar os meios intelectuais e práticos para removê-los."

Perceba, por exemplo, no caso de Platão, onde ele deixou muito claro qual foi a inspiração originária que o movia e onde pretendia chegar. Ele começa a sua carreira — isto está na famosa *Carta VII* — como um jovem promissor dedicado à carreira política, mas as sucessivas decepções com a política local o levam à necessidade de examinar alguns problemas com maior profundidade. Não que ele voltasse as costas aos problemas da comunidade, aos problemas políticos, mas ao contrário, ele percebeu que não seria possível realizar um melhoramento da situação política ateniense sem antes ter examinado determinados problemas; é um pouco a teoria de Lenin: dar um passo para trás para dar dois para frente. Mas o objetivo de Platão sempre continuou sendo a reforma moral da sociedade grega, idealmente a reforma moral da humanidade inteira, embora não creio que ele tivesse muitas ilusões a esse respeito.

Reconhecer um ideal como sendo inatingível não o torna indesejável. Quer dizer, o ideal pode ser inatingível, mas podemos seguir por aproximações sucessivas sem sabermos como vai terminar. Mais adiante — não nesta aula, talvez na próxima — veremos que esse também foi o caso de Kant. Kant também formulou um ideal, e ele sabia que poderia demorar muito para chegar a ele ou talvez não chegasse nunca! E, neste caso, o ideal era mais ou menos o mesmo: a reforma moral da sociedade, a criação de uma sociedade profundamente moral, ética. Essa era a idéia de Platão, e também foi a idéia de Kant. Só que, entre um e outro, se passam 2.200 anos e nesse caminho ganha-se muito, perde-se muito.

"(3) sua estrutura, sobretudo da filosofia, portanto define-se como uma articulação de fins e meios. Qual é a meta histórica ou cultural proposta e qual é a estratégia a um tempo cognitiva e persuasiva usada para legitimá-la e viabilizá-la?"

Vemos que Platão, no seu empenho de reformar a sociedade, logo se defronta com o problema da ilusão: para ele, o principal obstáculo à criação de uma sociedade moral é o fato de que a maior parte dos homens vivem numa ilusão. Sendo assim, teria de haver um meio de

escavarmos e perfurarmos essa cortina de ilusões e chegarmos a uma verdade, de tal modo que essa verdade, por si, oriente os homens no caminho certo. E os obstáculos que ele observa, uns são de ordem puramente sociológica e outros são de ordem cognitiva, de ordem técnica, por assim dizer. Quando ele propõe a famosa doutrina das idéias, ou seja, que o mundo das coisas sensíveis é uma cópia de um outro mundo dotado de perfeição matemática e este outro mundo, por sua vez, expressa determinados princípios — fala-se de um dualismo platônico, mas não existe dualismo; ele não fala de dois andares, mas de três: o mundo sensível, o mundo das idéias e o dos princípios — , quando ele está tratando disso, ele está tratando de dificuldades cognitivas reais, quer dizer, não é só um problema sociológico. Não porque exista uma classe social interessada na manutenção da desordem, mas é uma dificuldade humana real que independe da vontade das pessoas. Portanto, ele está tentando vencer esta tendência do ser humano ao pensamento ilusório, por meio de uma investigação da realidade profunda que está por trás do mundo das aparências.

O que seria a estrutura da filosofia de Platão? Seria o ideal inicial, ou seja, a sociedade moral que ele ambicionava e o conjunto de meios propriamente filosóficos e técnicos que ele põe em movimento para poder realizá-lo. Às vezes, os problemas propriamente filosóficos, problemas lógicos, gnosiológicos etc. que se interpõem no caminho são tão incrivelmente complexos que vão ocupar a maior parte do tempo do filósofo, a maior parte da sua obra escrita, sem que ele sequer volte a falar do ideal originário. Mas esse ideal está sempre no fundo, norteando todos os esforços.

O que eu chamo estrutura de uma filosofia é justamente a articulação, a relação e a tensão entre esses dois elementos: um de ordem, por assim dizer, pré-filosófica — os ideais originários que inspiraram o filósofo, que o colocaram no caminho da filosofia — e a realização propriamente filosófica do seu esforço. Uma coisa não é separada da outra, e essa tensão é que é a estrutura da filosofia. Se você separa o elemento propriamente filosófico, técnico, da sua inspiração originária, então o objetivo da filosofia de Platão passa a ser igual ao objetivo de qualquer professor universitário de filosofia hoje: o sujeito quer estudar filosofia. Quando Eric Voegelin disse “não estudem a filosofia, estudem a realidade”, ele estava dizendo exatamente que todos os grandes filósofos fizeram isso. Nenhum grande filósofo estudou filosofia jamais: todos estavam lidando com problemas da realidade que, no entender deles, afetavam todos os seres humanos, afetavam o destino humano em geral.

"Dito de outro modo, a estrutura de uma filosofia só se revela quando o discurso em que ela se expressa é examinado, não como um puro sistema de idéias e doutrinas, mas como uma ação humana. A intervenção do indivíduo intelectualmente privilegiado na vida dos seus semelhantes supostamente menos dotados que estejam dispostos a ouvi-lo."

No empenho de realizar certas modificações na cultura, na história, na sociedade, o filósofo desenvolve uma série de investigações e chega à uma série de conclusões que, no entender dele, podem ser úteis para a humanidade: para educá-la, para abrandar seus costumes, para aperfeiçoá-la espiritualmente etc. e, em seguida, ele passa a ensinar isso.

"Ora, o exame de um discurso como modalidade de ação humana (...)"

Isso aqui é absolutamente fundamental!

"(...) é o campo especializado nos estudos retóricos da arte da persuasão. Para apreender a estrutura de uma filosofia, a articulação de seus fins com os seus meios, é preciso, portanto, examiná-la desde um ponto de vista retórico, considerando-a como esforço de persuasão

destinado a produzir através de modificações na esfera cognitiva, determinados efeitos na vida histórico-social ou até na vida humana em geral."

Platão usa mesmo essa expressão "persuasão" (*pheitón*). Ele usa muitas vezes, quer dizer, a filosofia de Platão se coloca ostensivamente como um esforço de persuasão.

Ou seja, não basta estudar uma filosofia enquanto filosofia no sentido escolar atual, porque sendo uma modalidade de ação humana, ela é um esforço de persuasão, de modificação do espírito dos ouvintes e, portanto, ela é sempre um esforço retórico.

"O que faz com que essa obviedade seja freqüentemente esquecida, é que a exposição das idéias filosóficas se faz em geral por meio de um discurso lógico, dialético, que despreza o apelo à persuasão retórica e pretende situar-se no campo da demonstração estrita das certezas intelectuais imunes aos atrativos da oratória."

Esse lado evidentemente existe, o lado técnico da filosofia, que é um discurso eminentemente dialético e às vezes um discurso lógico e que, enquanto tal, não se deixa afetar ou desviar por considerações retóricas. Mas este aspecto da filosofia está inserido [0:20] em um esforço de conjunto que, este sim, permanece retórico, permanece um esforço de persuasão — não sei se está ficando claro o que estou falando.

"Acontece que esse discurso, enquanto tal — quer dizer, o discurso filosófico propriamente dito —, não é a filosofia, mas apenas o conjunto ou sistema de meios intelectuais pelos quais ela busca realizar os seus fins."

Os fins não são propriamente filosóficos, são anteriores à filosofia, são compartilhados por muitos atos, por assim dizer, valores culturais, morais, religiosos etc. que de algum modo tiveram um impacto sobre o filósofo e o fizeram desejar interferir na ordem das coisas.

"Se o examinamos em si mesmo, sem subordiná-lo aos fins a que deve servir, perdemos numa infinidade de "problemas filosóficos" ou "acidentes de percurso", sem jamais atinar para a estrutura da filosofia em questão, a qual a estrutura consiste, precisamente, na articulação dos fins com os meios. No empenho de discernir essa estrutura é portanto necessário compreender o discurso lógico-dialético como parte e instrumento de um esforço de persuasão, isto é, um empreendimento que, visto no conjunto, não é e não pode ser senão de ordem retórica."

Em essência, o método é esse: estudamos as filosofias e sobretudo o desenvolvimento temporal delas como um esforço de persuasão; por exemplo, estudamos a retórica da filosofia, do que que o filósofo estava tentando persuadir as outras pessoas. Do que ou a quê! Persuadir de certas realidades, persuadir de certos fins e qual é, em seguida, o conjunto dos problemas propriamente filosóficos e técnicos que ele teve de resolver para isso. Note bem que há muitas pessoas que se apegam a um ideal e começam a lutar por ele, sem se colocar em grandes problemas filosóficos. Praticamente todos os líderes políticos, religiosos, fazem isso. Tão logo o sujeito se persuadiu de que certas coisas são verdadeiras e boas, ele começa a pregá-las. Por isso, o esforço dessas pessoas tem um efeito de mais curto prazo, porque não sondam em profundidade as dificuldades lógicas, gnosiológicas e metafísicas que estão envolvidas no seu projeto.

"O método, portanto, para descobrir a estrutura de uma filosofia reside na análise retórica de seu discurso, discernindo nele os quatro elementos que, nos tratados clássicos, definem todo o discurso retórico: (1) a *situação* do discurso, isto é, o quadro histórico, social, cultural e psicológico onde ele emerge e no qual ele pretende intervir;"

Ou seja, sempre existe uma situação dada. Na própria *Carta VII* Platão descreve qual é a situação na qual ele entrou, cujo impacto o coloca no caminho do esforço filosófico. Então esta é a situação.

"(2) o juiz, isto é, o público em especial a que se dirige e sobre o qual pretende influir;"

É chamado sempre o juiz. Aquele a quem você se dirige é o juiz do seu discurso porque é ele que vai concordar ou discordar, é ele quem vai agir ou deixar de agir em consonância com o que você está propondo.

"(3) o objetivo ou meta, isto é, a modificação específica que pretende introduzir no quadro."

E, por fim, (4) o discurso mesmo considerado na sua materialidade; o conjunto dos meios de argumentação, prova e persuasão colocados em ação para realizar esse fim.

"Felizmente, o objetivo ou meta — o "para quê", em última análise, o filósofo está fazendo o que faz — vem explicitamente declarado na maior parte das filosofias. Basta procurá-lo!".

Acabei de dar o exemplo de Platão!

"A dificuldade reside em que nem sempre ele consta das partes consideradas mais importantes ou mais nobres da obra filosófica. Às vezes só aparece em cartas pessoais ou trabalhos menores."

Como é precisamente o caso da *Carta VII* — cuja autenticidade por vezes já foi até posta em questão, mas que hoje todos aceitam como sendo realmente um escrito de Platão.

Ou seja, a proclamação ostensiva dos ideais e dos objetivos da filosofia não está colocada em *A República*, *As Leis*, *Timeu*, *O Banquete* e em nenhum dos grandes clássicos escritos por Platão, mas num documento pessoal: a *Carta VII*.

Por causa disso, este objetivo por trás da filosofia é com frequência negligenciado pelos estudiosos. Eles acreditam que se trata apenas, digamos, de uma motivação pessoal e portanto não faz parte do esforço filosófico propriamente dito. De fato, não faz parte do esforço filosófico, mas é a razão do esforço filosófico! E se o objetivo não é afetado pelo esforço filosófico, não podemos dizer o contrário: isto é, o esforço filosófico é totalmente determinado pelo objetivo.

"De modo que o estudioso, especialmente quando adestrado numa tradição de ensino que privilegia sobretudo a análise dos textos enquanto tais e se concentra por isso nos de maior prestígio, pode se perder em um emaranhado de dificuldades de percurso e não chegar jamais a perguntar-se para onde, afinal, o filósofo o está levando com tudo isso."

Se a título de exemplo tomarmos filósofos como Kant ou Descartes, veremos a infinidade de estudos de detalhes sobre um ou outro ponto da investigação filosófica: é algo que não acaba mais! Este oceano de temas pode encobrir o fato fundamental da origem, do impulso originário que dá forma e direção a todo o esforço filosófico. No caso de Descartes, ao lerem o meu livro *Visões de Descartes*, perceberão que, para mim, nos três sonhos que ele teve em 10 de novembro de 1619, na Alemanha, o acontecimento fundamental que inspira para ele a idéia do gênio mau não se trata apenas de uma inspiração, mas do centro, da viga mestra de todo o pensamento de Descartes! E em muitos estudos isso aparece apenas como sendo um

acontecimento biográfico menor, estando o essencial da filosofia de Descartes noutra coisa, na descoberta do *cogito* ou na doutrina mecanicista e assim por diante. No meu modesto entender, o *cogito*, a doutrina mecanicista e até a geometria e a física de Descartes, tudo isso está subordinado a um objetivo que já estava definido naqueles três primeiros sonhos. O que significa que, nos sonhos, Descartes já tinha a inspiração, a idéia de uma ciência universal a ser obtida pela mente individual isolada em si mesma, e isto é o que vai orientar todo o esforço filosófico dele. A coisa toma esse rumo como poderia ter tomado qualquer outro, mas a inspiração originária é o que está acima de qualquer dúvida possível. Mais adiante voltarei a este aspecto.

"É assim que a mais requintada sofisticação dos meios de análise pode se tornar uma apurada técnica de não entender nada. Embora eu não conheça nenhum caso em que o objetivo da filosofia tenha permanecido totalmente oculto, o filósofo pode ter um bom motivo para mantê-lo discreto quando o considera perigoso ou revolucionário demais para poder, sem escândalo, ser exibido em público nas partes mais nobres e vistosas da sua obra escrita."

Ele desenvolve a obra escrita como parte da realização dos fins e não precisa de voltar a falar desses fins. Em geral todos voltam, todos falam. O motivo de estar no fundo não quer dizer, necessariamente, que o sujeito pretenda não chamar a atenção — esconder totalmente não é possível, e acho que ninguém tentou —, mas tratar aquilo de uma maneira discreta, como, por exemplo, não o discutindo nas suas obras principais, embora sempre apareça em algum documento no qual ele aborda o assunto.

"Neste caso, é necessário procurá-lo em escritos menores e de ocasião, cuja importância estratégica no conjunto escapa a atenção do analista vulgar, deslumbrado entre o prestígio das 'grandes obras'."

[0:30] Se você acredita, como Martial Guérault, que a filosofia é sobretudo uma ordem das razões, como se fosse – vamos usar o termo do René Girard – um longo argumento do princípio ao fim, a ordem desse longo argumento não coincide necessariamente com a ordem dos escritos, com as estruturas de cada um. Então você lê os vários escritos, capta a estrutura de cada um, mas por trás dela capta a estrutura do argumento total, ou o chamado filosofema, para usar a expressão do Etienne Souriau. Uma coisa é o escrito, outra coisa é o filosofema, ou a ordem interna do argumento tomado na sua totalidade. Mas este argumento visto na sua totalidade não é senão o esforço de realização dos fins. Assim, você teria de descascar por trás dos textos sua ordem interna, por trás da ordem interna dos textos, a ordem do argumento, e no fundo da ordem do argumento os fins iniciais a que ele serve. E daí, sim, você teria a estrutura da filosofia.

"É este precisamente o caso de Immanuel Kant, Descartes e Maquiavel."

Nos três casos você encontra uma declaração dos fins, mas não no centro e no topo da obra. Aparecem escritos menores, como no caso de Descartes a narrativa desses três sonhos, que chegou até a nós por uma coincidência, porque o primeiro biógrafo dele mencionou alguma coisa e depois Leibniz, visitando a casa de Descartes, depois de sua morte, descobre lá um caderninho que tinha o relato dos sonhos. Passemos à segunda parte do texto:

"Não existe filosofia modesta. Toda filosofia é uma intervenção de longo prazo e larga escala no mundo dos acontecimentos humanos."

Nos lembramos do preceito de Aristóteles: "é próprio do sábio o ordenar, o colocar em ordem". Vejam que Eric Voegelin descreve a origem, a inspiração primeira da filosofia, como

uma idéia que surge quando da dissolução da antiga civilização cosmológica, onde a sociedade era vista como uma parte, como um aspecto de todo o cosmo, que vivia em um diálogo permanente com o cosmos natural; por exemplo, lendo nas estrelas o destino da comunidade, ou realizando ritos para que a comunidade se integrasse melhor no todo cósmico, e assim por diante.

Na hora que essa síntese se desfaz, existe, evidentemente, uma experiência de desordem. Assim, surge um novelo modelo de ordem em que o modelo da sociedade já não é o cosmos, mas a alma individual. A busca da ordem na alma individual através do autoconhecimento se oferece como um modelo para a reorganização da sociedade; e é exatamente isso que Sócrates faz, que Platão faz, que Aristóteles faz. A proclamação desse objetivo aparece não só na *Carta VII*, mas de forma mais ou menos implícita, reaparece ao longo de toda a obra de Platão. Na hora em que ele coloca Sócrates como modelo de sábio, já está dizendo isso: na alma de Sócrates existe uma ordem que se irradia para a sociedade em torno, sociedade que pode ou não aceitar tal ordem; e daí a necessidade do esforço de persuasão. Ou seja, a ordem que o filósofo descobre não é imposta à sociedade por um governante: ela se dissemina não através imposição, mas da persuasão. E a persuasão naturalmente necessita da boa vontade dos ouvintes e por isto mesmo que se desenvolve o gênero dialogal, no qual Sócrates está continuamente apelando ao testemunho de seus ouvintes para que eles digam se aquilo que ele está lhes expondo confere com a experiência das suas almas ou não.

“Enquanto os decretos dos governantes passam e se desfazem em pó no esquecimento, as filosofias permanecem ativas e influentes decorridos séculos ou milênios do falecimento de seus criadores, afetando ou modelando o curso das discussões científicas, morais, políticas e religiosas.”

Veja que o filósofo exerce um tipo de autoridade que é muito diferente daquela do governante, que é uma autoridade imediata. O governante usa também a persuasão, mas em geral ele não precisa usá-la porque tem meios de imposição. Então, o governante age no cenário imediato visando mudanças imediatas. E a sua autoridade, por assim dizer, morre com ele. Tudo aquilo que ele fez em vida pode ser desfeito por um governante seguinte, ou pelo simples curso dos acontecimentos, ou pelo esquecimento geral.

Se você pensar qual é a constituição mais antiga que existe no mundo é a americana: são duzentos e poucos anos – um nada isso aí. Já a filosofia de Platão está aí há dois mil e quatrocentos anos e ainda tem seguidores. O filósofo exerce um tipo de autoridade impessoal e, geralmente, póstuma, que se estende ao longo dos séculos. E o filósofo está consciente disso: que ele não vai poder dirigir pessoalmente o processo. E justamente porque não pode dirigir pessoalmente o processo é que mais importante encontrar as leis ou os fatores constantes que por si mesmo vão determinar o curso dos acontecimentos, de modo que ele não precise dirigir e ninguém precise, porque o curso das coisas obedecerá naturalmente essas leis se aquelas que o filósofo encontrou são verdadeiras e eficazes.

“Revelam, nisso, uma força auto-revigorante quase miraculosa. Milhares de biografias de Napoleão e Júlio César não trariam de volta os seus impérios, mas às vezes basta um debate erudito ou um ensaio de reinterpretação para que uma filosofia que parecia esquecida ressurgisse das cinzas e, adornada ou não do prefixo ‘neo’, venha interferir na vida contemporânea como se tivesse sido publicada ontem.”

Um exemplo extraordinário é o congresso que houve nos anos 2000 sobre Aristóteles na UNESCO em que, de repente, aparecia não o filósofo personagem, mas biólogos, físicos, matemáticos etc. mostrando a presença ativa de Aristóteles dentro dos seus respectivos

campos científicos. De repente, essa filosofia de dois mil e quatrocentos anos atrás mostra uma capacidade de renascer, de se revigorar, de uma maneira extraordinária. Isso não acontece com nenhuma política. Quem vai revigorar o império napoleônico, o império de Carlos Magno? Ninguém vai fazer isso. A autoridade do governante é intensa e de longo prazo; a do filósofo é sutil, tênue e de longuíssimo prazo.

“Não imaginem que esse fenômeno se deva só ao zelo de admiradores e discípulos tardios que, à revelia e sem a mínima participação de seus mestres e inspiradores mortos, não deixam que a chama se apague. Ao contrário, foram esses mestres e inspiradores mesmos que, concebendo metas de longo prazo e colocando a serviço delas as mais complexas e poderosas estratégias cognitivas, deixaram aberta ou fomentaram conscientemente a possibilidade de sucessivos renascimentos.”

Ou seja, o filósofo sabe que sua influência é de longo prazo e ele está preparado para isso. Isso quer dizer que toda a filosofia tem dentro dela camadas não tão visíveis de potencialidades que só o tempo revela. Eu até usei um parágrafo de Heidegger como epígrafe do *Aristóteles em Nova Perspectiva*, no qual ele diz que há coisas que não foram ditas na Antigüidade, mas que sem a Antigüidade não poderiam ter chegado a ser pensadas. Por exemplo, Aristóteles não diz em parte alguma que ele tem uma Teoria dos Quatro Discursos, mas investigando você vê que a teoria está lá, [0:40] e que ela está viva e presente; hoje mais do que nunca. Será que Aristóteles não sabia disso? É claro que sabia. Se ele não soubesse essas coisas que não disse, não poderia ter dito aquelas que disse.

“Em algumas filosofias a meta ambicionada é tão evidente que não precisa nem ser declarada. Ninguém pode duvidar de que Sto. Agostinho, Sto. Tomás ou Pascal sonhavam apenas em expandir o domínio hegemônico da Igreja Católica e converter, se possível, a humanidade inteira.”

Esse fim nem precisa ser declarado, pois eles não fazem outra coisa o tempo todo.

“Isso transparece em cada linha que escreveram. Os três divergem somente nas estratégias intelectuais com que planejam realizar esse objetivo, as quais escapam ao assunto deste artigo.”

Veja que, por exemplo, no tempo de São Tomás a coisa mais importante era aprimorar os critérios de demonstração e também de impugnação de argumentos. Então, os escolásticos, durante séculos, aprimoram esta arte da discussão da prova até um limite quase alucinante. Desde que Aristóteles tinha formulado os primeiros princípios da lógica, mais ou menos quatrocentos anos antes de Cristo, a lógica praticamente não tinha andado nada; foram os escolásticos, no ano 1200, que começam a aprimorar aquilo no esforço de chegar a uma demonstração mais cabal possível.

Quando você observa o tempo de Pascal, ele já não usa essa estratégia. Pascal espera que o desenvolvimento das ciências físicas, dando ao homem uma dimensão da sua pequenez, desperte nele o senso do infinito e do ilimitado. É uma estratégia muito mais imaginativa do que lógica. Mas o que eles estavam querendo? Converter as pessoas.

“Em outros casos – Marx, por exemplo, ou Nietzsche –, o objetivo é tão enfaticamente reiterado que basta citar esses nomes para que venha imediatamente à memória do público a imagem da utopia socialista” (...)

Quem pode duvidar que tudo o que Marx escreveu tudo o que escreveu para trazer a revolução socialista e implantar o socialismo no mundo? Não há a menor possibilidade de

duvidar disto, não só pelo o que ele disse, mas porque isso reaparece de novo e de novo em cada linha que ele escreve.

(...) “ou a do Super-Homem que emerge soberanamente livre no deserto do nada após a destruição de todos os valores.”

Ou seja, você destruiu todos os valores: não existe mais verdade, não existe mais o bem, o certo, o errado etc., então aparece o Super-Homem, que se determina a si mesmo. É uma idéia comum a Nietzsche – todo mundo sabe que Nietzsche pensava assim – e, claro que as interpretações variam muito, mesmo porque cada um acredita que o Super-Homem é ele, e o outro também acredita que é ele próprio e não outro, mas o primeiro. Por exemplo, Getúlio Vargas acreditava que era o Super-Homem nietzschiano, Hitler também, mas muitos outros também pensavam. Mas esta imagem do Super-Homem — aquele que tem de determinar o seu próprio destino, o seu próprio ser — não parece ser tão popular quanto a utopia socialista. Mesmo assim, para quem quer que tenha alguma idéia do que Nietzsche escreveu, ao se falar no autor é imediata a lembrança do Super-Homem.

“Porém mais interessante é o caso daqueles filósofos que sussurram seus objetivos tão discretamente, quase em segredo, que estes podem passar despercebidos ou ser negligenciados durante décadas ou séculos por estudiosos que nada mais vêem nas obras deles senão a poderosa arquitetura dos meios, chegando a tomá-la como se fosse o fim.

A mais mínima hesitação do filósofo em colocar a declaração de fins bem visível no pátio ou no topo da sua filosofia pode levar a esse resultado. Porque os fins, em si mesmos, são por assim dizer anteriores à filosofia e, determinando-lhe a forma de conjunto, não são por ela afetados exceto no que diz respeito aos seus meios de realização. Os fins de uma filosofia não são exclusivos dela: podem ser compartilhados por uma multidão de não-filósofos que talvez nem tenham o vigor intelectual necessário para compreendê-la. O exemplo mais didático, nesse sentido, é o já citado de Agostinho, Tomás e Pascal. Eles queriam expandir o cristianismo? Sim. É esse o objetivo que norteia todo o seu esforço filosófico? Sim. Mas quantos homens não queriam o mesmo sem ser filósofos?”

Por exemplo, o padre que tomava o navio, ia lá catequizar os índios e acabava sendo comido por eles. Ele estava fazendo o mesmo esforço destes, só que não no domínio filosófico, não no domínio cognitivo, e sim no domínio social imediato.

“O que caracteriza e distingue a filosofia no meio de tantos outros empreendimentos humanos é a peculiar sofisticação, riqueza e precisão dos meios intelectuais que ela põe a serviço do seu projeto.”

Isso é um caráter distintivo da parte técnica da filosofia, que vai enfrentar os principais obstáculos de ordem cognitiva à realização do projeto. Portanto, você está supondo que as dificuldades não vêm só da má vontade das pessoas, ou de condições físicas adversas, mas de dificuldades que estão embutidas no próprio processo do conhecimento humano, nas próprias deficiências da cognição humana.

“Enquanto outros pregam os fins e tentam realizá-los na prática ou morrem por eles no campo de batalha, o filósofo se empenha em remover os mais árduos obstáculos cognitivos que se interpõem entre a humanidade presente e a consecução desses fins, erguendo novos arcabouços intelectuais que a viabilizem. Esses obstáculos podem consistir de crenças do senso comum, erros de percepção ou de raciocínio, doutrinas religiosas, científicas ou mesmo filosóficas equivocadas, símbolos inadequados ou mal interpretados que bloqueiam a imaginação, fraquezas da psique humana etc. etc.”

Por exemplo, Karl Marx tenta furar o muro do que ele chama de "pensamento ideológico", de "ideologia". A ideologia, segundo ele, é um pretensso discurso que encobre um projeto de poder. Então, você tem de descobrir qual o projeto de poder por trás para aí entender o sentido verdadeiro do discurso ideológico. Este tem um sentido nominal, que é aquele que ele apresenta, e tem o sentido profundo, que é o projeto de poder embutido.

Eu acho que esta é uma descoberta excelente de Karl Marx, isto realmente existe e é um dos obstáculos cognitivos que ele tenta perfurar: um obstáculo ao mesmo tempo de ordem cognitiva e de ordem sociológica. Nietzsche tenta furar toda a cortina do auto-engano, da auto ilusão: os seres humanos mentem para si próprios, são covardes, são pequenos, então necessitam de ilusões, e se apegam a pseudo-valores porque não têm a coragem de enfrentar a nudez da realidade, onde não há valores. Sobretudo não têm a coragem de enfrentar o eterno retorno. E se tudo voltasse a acontecer exatamente como aconteceu, se você fosse condenado a viver dentro do eterno retorno? Há de ser macho para agüentar uma coisa dessa, e Nietzsche dizia que só quem é capaz de agüentar o eterno retorno é que enxerga a realidade como ela é, no entender dele.

Ele está tentando perfurar um bloqueio de ordem cognitiva, mas que tem já um sentido, não sociológico, como no caso da ideologia em Marx, mas de natureza psicológica. A mesma coisa faz Freud; todo seu esforço é para ensinar as pessoas a não se enganar a si mesmas mediante o fenômeno que ele chama de repressão: o instinto reprimido, o desejo reprimido, aparece na mente sob forma disfarçada e você acredita neste disfarce. Então, você precisa destrinchar o disfarce para ver qual é o desejo que está efetivamente ali encoberto e daí se posicionar de maneira adulta perante esse desejo. Às vezes, ainda segundo Freud, você deve substituir a repressão irracional por uma repressão racional orientada por um senso prático, pelas considerações maduras etc.

"Josiah Royce distinguia, com razão, entre o 'espírito' de uma filosofia e a sua 'realização técnica'" (...)

Esta terminologia é quase perfeita: o espírito da filosofia é o ideal inicial que a orienta e que a põe em movimento. A sua realização técnica é a filosofia realizada e colocada em obras escritas, ou até em ensinamento oral, como no caso de Sócrates. [0:50]

O espírito é partilhado pelo filósofo com outros homens, que não são filósofos, só que ele especifica esse espírito sob a forma de uma realização técnica que, idealmente, favorece a realização desse mesmo ideal, transpondo os obstáculos mais difíceis, que, às vezes, as outras pessoas nem percebem.

"Tão ampla é a esfera dos problemas envolvidos na 'realização técnica', tão árdua a tarefa de resolvê-los, tão complexo o equipamento intelectual que tem de ser usado (e às vezes criado) na sua construção, e não raro tão dificultosa a sua absorção pelo leitor, que, se não advertido quanto aos fins e ideais subjacentes, este pode prolongar o exame da maquinaria indefinidamente até o ponto de tomá-la como se ela fosse a finalidade de si mesma."

Ou seja, os problemas filosóficos específicos dos quais o sujeito está tratando parecem ser a finalidade daquela coisa: ele fez essa filosofia para resolver este e mais este problema filosófico. Não, não. Resolver os problemas filosóficos faz parte dos *meios* colocados em ação para realizar os fins e valores dados de antemão.

"Sem contar, é claro, o prazer vaidoso que o pedantismo erudito pode extrair do destrinchamento interminável de miudezas técnicas, em que as questões fundamentais são

adiadas para o dia de são nunca em nome de uma aparência de 'rigor'. Para piorar as coisas, muitos elementos da 'realização técnica' têm mesmo um valor autônomo, que permite integrá-los em outros projetos filosóficos alheios ou hostis aos fins originários a que serviram."

Tome, por exemplo, a filosofia de Hegel. Ele tinha como objetivo geral a criação de mais ou menos algo que era o Estado burocrático, democrático e moderno, esta era a idéia dele. Hegel não era autoritário, nem fascista, nem coisa nenhuma, só que via como imagem essencial deste Estado o Estado germânico, alemão. Para realizar isto, desenvolve uma série de conceitos, métodos etc. Karl Marx pega todos esses conceitos e métodos e aplica a uma finalidade completamente diferente. Isso significa que esses conselhos e métodos tinham um valor autônomo, ou seja, eles não poderiam servir só àqueles fins em particular, mas a outros fins também. Isto é um segundo fator que camufla a ligação entre os fins e os meios, entre o espírito e a realização técnica.

Não é porque a realização técnica desenvolveu por si certos instrumentos que podem ser usados utilmente fora dela que eles são realmente independentes destes fins na filosofia do filósofo a quem estamos nos referindo. Estes fins, para Hegel, determinavam, claro, a totalidade dos instrumentos que desenvolveu para isto. É Karl Marx que chega lá, e, por assim dizer, rouba esses instrumentos para usá-los para seus próprios fins, como nós poderemos fazer como muitos filósofos; como eu mesmo roubo elementos de Karl Marx para outras finalidades que não são as dele. Isso é sempre possível. E a complexidade e a riqueza desses elementos de realização técnica são tamanhas que o sujeito pode passar a vida estudando filosofia sem nunca perguntar para o quê o filósofo fez tudo isso. Dá a impressão de que fez tudo isso só para fazer filosofia, porque ele gostava de filosofia, ou algo assim. É uma coisa que fica desligada dos fins e valores gerais da condição humana. De certo modo, desumaniza a imagem do filósofo e faz dele um fetiche acadêmico.

"Não é preciso ser tomista nem marxista para tirar proveito de parcelas inteiras do tomismo ou do marxismo.

É claro, no fim das contas, que o desvio de foco se comete menos facilmente com os filósofos que declararam abertamente os seus fins, ou com aqueles onde estes são auto-evidentes, do que com os tipos ambíguos e escorregadios que, por medo do escândalo ou por aversão a polêmicas, preferiram ser mais discretos ou obscuros.

Cometem-se menos desatinos por fuga do essencial na interpretação de Marx, de Sto. Tomás de Aquino ou de Pascal que na de Maquiavel, Kant ou Descartes."

Eu nunca vi ninguém negar que o objetivo de Karl Marx fosse a revolução socialista e a implantação do socialismo mundial, ou negar que São Tomás de Aquino quisesse cristianizar o mundo. Ninguém nega isto, mas o que Maquiavel estava querendo? O que Kant estava querendo? O que Descartes estava querendo? As pessoas freqüentemente passam em cima disso como se o problema não existisse, se concentram na realização técnica, passam a estudar todas as suas minúcias e você só não fica sabendo o para quê.

"Quando se fala de 'estrutura' da obra de um filósofo, entendem-se geralmente por esse termo duas coisas: (1) a organização interna de um ou vários de seus escritos; (2) a 'ordem das razões', como a chamava Martial Guérault, isto é, a unidade hierárquica da doutrina filosófica em si mesma, por baixo ou para além da forma escrita.

Essas duas coisas existem e estudá-las é muito útil. Mas nem de longe bastam para você obter a compreensão de determinada filosofia como *ação humana*, como intervenção consciente de um filósofo no curso histórico das coisas.

Para isso é preciso apreender um terceiro tipo de 'estrutura': a articulação entre o objetivo último e a engenharia dos meios postos em movimento para alcançá-lo. Ou, nos termos de Josiah Royce, entre o 'espírito' de uma filosofia e a sua 'realização técnica'."

Note bem que os outros dois tipos de estrutura – a palavra "estrutura" entendida em um sentido mais restrito –, você tem de estudá-la de qualquer maneira, tem de compreender a estrutura de um texto e por baixo dela tem de entender a estrutura da ordem das razões e do filosofema. Sim, só que por baixo disso existe a estrutura da filosofia entendida como ação humana, ou seja, o que o filósofo estava querendo fazer, não no campo específico da realização acadêmica, mas no campo da história, de um modo geral.

"Cada um desses dois itens oferece problemas específicos. A realização técnica pode, por exemplo, estar abaixo do requerido para a consecução dos fins, que desta forma correm o risco de vir a sofrer um julgamento injusto por conta da mera inabilidade acidental do filósofo que tentou realizá-los."

Isto acontece particularmente com Maquiavel: ele concebe um plano grandioso – que ele chama de a Terceira Roma e que em grande parte coincide com o Estado burocrático moderno –, mas no meio disso se perde na discussão de tantos pontos menores e, muitas vezes, a articulação de uma coisa com a outra não aparece de forma clara. Então, a realização técnica está abaixo da ambição dos fins ambicionados.

"Ou pode, ao contrário, ser tão elaborada e perfeita que os fins acabem se recobrando do prestígio da sua vestimenta técnica e se impondo sem ser examinados ou julgados em si mesmos (é precisamente o caso de Kant)."

A filosofia dele é tão vasta, tão complexa, tão rica, tão cheia de detalhes, que você pode passar a vida estudando aquilo sem nunca se perguntar: o que Kant queria afinal de contas? Aonde ele queria chegar? Se você não faz esta pergunta, toda a influência de Kant no mundo contemporâneo se torna invisível para você. Só na hora em que você conseguiu encaixar o plano originário com a realização técnica – o que no caso de Kant é sempre excepcionalmente difícil, porque a obra é imensa e muito complexa – e sem isto você não consegue entender como Kant exemplifica aquilo que dizia Augusto Comte: que a vida dos vivos é frequentemente determinada por filósofos mortos.

"Os fins, por seu lado, nem sempre aparecem claros e distintos na obra de um filósofo, precisamente porque consistem de um amálgama de experiências, sentimentos, valores e escolhas fundamentais que colocaram o filósofo no caminho do seu empreendimento filosófico e que portanto são de algum modo 'anteriores' a este. Com frequência o estudioso, temendo incorrer no erro tipicamente nietzscheano de explicar uma filosofia pela 'psique' do filósofo" (...)

Nietzsche fazia muito isso, ele achava que a filosofia era apenas uma personalidade, uma psique transposta sob uma forma de aparência enganosa de doutrina. Ele dizia que no fim isso não é teoria nenhuma, é apenas a psique de alguém transposta em aparência de teoria.

(...) "e reduzir conceitos abstratos a uma espécie de secreção cerebral, [1:00] negligenciam essas experiências e escolhas como meros acidentes biográficos que, se podem até mesmo ter desencadeado um esforço filosófico, não determinaram em nada o curso final de sua elaboração e muito menos o seu conteúdo da obra filosófica realizada."

A obra filosófica realizada adquire uma autonomia, porque é ela que está nos textos principais, e os textos principais são objetos de estudo dos estudantes universitários. Então eles se focam nisso e fica a filosofia em si mesma considerada fora da ação humana visada pelo filósofo e, portanto, a influência verdadeira do filósofo no decorrer dos acontecimentos se torna absolutamente incompreensível. Porque você só vai ver a influência filosófico-técnica explícita, isto é, a influência que ele teve sobre outros filósofos e não na sociedade em geral.

“No meu livro *Visões de Descartes* mostrei que toda a estrutura da filosofia de Descartes já estava dada em versão compacta nos três sonhos que ele teve na Alemanha em 10 de novembro de 1619, e que a idéia do *Gênio Mau*, daí decorrente, não era apenas uma figura de linguagem usada para expor certas doutrinas, como a considera Martial Guérault, mas sim o símbolo que as antecipou, inspirou e guiou.”

A idéia do Gênio Mau perseguiu Descartes a sua vida inteira e toda a sua obra é uma discussão com o Gênio Mau, até o fim.

“Se não existe nenhuma filosofia perfeitamente acabada e probante, pronta para ser testada cientificamente é por uma razão muito simples. A filosofia não está nas doutrinas prontas e sim no esforço de transfigurar certas percepções e inspirações pessoais em teses universais.” (...)

Ou seja, uma passagem do poético-retórico ao lógico, mas a passagem jamais se completa.

(...) “Esforço que por sua própria natureza não se completa jamais e tem de ser incessantemente recomeçado. A filosofia não é um conjunto de teses, como uma teoria científica por exemplo, é a busca da unidade do conhecimento na unidade da consciência e vice-versa. Um empreendimento sem o qual o restante do conhecimento humano perde todo o sentido, mas que jamais pode alcançar a estabilidade da certeza definitiva pelo simples fato de que o conhecimento disponível aumenta e se modifica colocando novas e novas dificuldades para a consciência individual empenhada na busca do sentido.”

Os problemas que nos colocam na pista de uma investigação filosófica não são os mesmos que colocaram Santo Tomás de Aquino ou Descartes, são outros completamente diferentes. Isso quer dizer que nós podemos nos inspirar na filosofia deles, e sobretudo na sua realização técnica e aproveitar elementos dessa realização técnica, mas não podemos segui-la completamente, porque os nossos problemas não são os deles e os de amanhã não serão os nossos. A filosofia é um esforço permanentemente renovado de manter a inteligência humana, de manter a consciência humana à altura dos problemas contemporâneos. Ela é só isso e nada além. Não produz teses universalmente válidas e definitivas e, mesmo assim, você não pode dispensá-la, porque sem o esforço renovado, todas as teses existentes (filosóficas, religiosas, éticas, etc.), perdem todo o sentido na medida em que não conseguem se articular com a consciência humana: transformam-se em coisas, em meros objetos opacos e incompreensíveis; a filosofia é a arte de recuperar o sentido permanentemente.

“Por isso mesmo é essencial, ao tentar compreender uma filosofia, partir da experiência pessoal, pré-filosófica por assim dizer, que despertou no filósofo certos sonhos e ambições e jamais tomará a ‘realização técnica’ como se fosse uma unidade autônoma em vez de uma tentativa de realizá-los. É evidente que os problemas técnicos encontrados ao longo do caminho têm uma existência própria,” (...)

Os problemas de que o filósofo trata na parte das suas realizações existem mesmo, senão seria uma estupidez tratá-los!

(...) “tanto que podem ter se apresentados também a outros filósofos, mas a maneira de enfocá-los, o estilo de tratamento que um filósofo lhe dá, são determinados em grande parte, as vezes integralmente pela meta pessoal que ele está tentando realizar.”

Não se pode excluir, no entanto, a hipótese de que no esforço de realizar esse ideal, esse objetivo, ele se encontre com problemas que modifiquem as convicções dele. Isso pode acontecer, mas como diria Groucho Marx, “isso não melhora em nada a sua situação”.

“A estrutura de uma filosofia reside, portanto, na articulação tensional entre o objetivo e a realização e não nesta última isoladamente.”

Por que eu uso tensional? Porque nunca uma coisa é completamente coerente com a outra e nunca realiza integralmente. Se realizasse integralmente então teríamos a filosofia definitiva que se impõe a toda a humanidade e que tem, por assim dizer, uma validade científica e universal, e isso nunca acontece.

“No caso de Kant, muitos estudiosos dizem que ele se inspirou no contraste entre o ceticismo de Hume, segundo o qual o conhecimento era impossível, e a física de Newton, onde a existência do conhecimento era um fato patente.”

Isso aí aparece em muitos manuais. Ele leu no Hume que o conhecimento era impossível. Ele via aquelas análises do Hume desmentindo a noção de causalidade, a noção do próprio eu, a noção de consciência; desmentindo tudo, e mostrando que o conhecimento era impossível e ele dizia: “ó raios, esse cara tem razão”. Daí ele lia o Newton (que mostrava como funcionava o universo na realidade), e aí ele dizia: “ó raios, esse cara também tem razão”. Fica óbvio que se tem aí um problema filosófico específico. Uma contradição entre a impossibilidade teórica do conhecimento e a sua existência na prática. É como o besouro que, teoricamente, pelas leis da aerodinâmica, não pode voar e, no entanto, voa! Temos aí um problema. Kant enfrentou realmente esse problema, isso realmente chamou a atenção dele; porém, resolver isto foi o grande objetivo da vida dele? Não. Foi parte da realização técnica, talvez a parte mais difícil da realização técnica a qual, por isso mesmo, ele consagrou o melhor de seus livros que é a *Crítica da Razão Pura*. Ele levou dez anos para resolver aquilo. Kant ficou dez anos sem publicar uma linha e daí, em 1781, ele veio com a *Crítica da Razão Pura* que tratava de resolver este problema. Podemos dizer que “tinha uma pedra no meio do caminho”. A pedra no meio do caminho era este problema de Hume e Newton, porém a pedra é uma coisa e o caminho é outro. Qual era o caminho? Para onde Kant estava indo quando apareceu a pedra no meio do caminho? Se você não pergunta isso, então explicar toda a obra de Kant pela pedra que ele encontrou no meio do caminho não faz o menor sentido. Se você não está indo a parte alguma, não tropeça em pedra alguma. Se tropeçou é porque pra algum lugar você estava indo e esta pedra o impedia de chegar lá. Então esta é a pergunta: para onde Kant estava indo quando tropeçou neste problema? É claro que este problema não pode ter sido a sua inspiração originária e o motivo que determinou todo o seu esforço filosófico, embora determinasse dez anos da sua vida, mas não a sua vida inteira. Tanto que em seguida ele passa para outros problemas.

“Resolver esta contradição foi realmente a idéia mestra de Kant na *Crítica da Razão Pura*, mas muito antes disso ele já havia formulado a utopia da sociedade perfeitamente racional e para a realização desta utopia, uma contradição no seio da razão era um impecílio intolerável.”

Vou mostrar depois para vocês, com abundantes provas dos documentos, que Kant tinha esta idéia da sociedade perfeitamente racional onde toda a animalidade do homem fosse transcendida para sempre. Ele apostou todas as suas fichas em algo chamado “razão” e, de

repente, a razão parece ter um problema, porque Hume diz uma coisa, e está certo, e Newton diz o contrário dessa coisa e também está certo. Ele tinha de resolver isso para, por assim dizer, defender a razão. Para protegê-la de uma contradição interna que ameaçava destruí-la.

Notem que a filosofia do Kant é chamada de filosofia *crítica*, mas ela só é filosofia crítica nos três livros chamados “crítica”: *Crítica da Razão Pura*, *Crítica da Razão Prática* e *Crítica do Juízo*. E tudo o que veio antes, e tudo o que veio depois, o que é? O pessoal fala: “ah não, houve a fase pré-crítica, sem muita importância filosófica, só teve importância biográfica”. Não, não, porque nesta fase pré-crítica ele já tinha definido os fins aos quais ele ia dedicar toda a sua vida de filósofo. E ele diz isso de uma maneira muito clara aqui em 1762, ou seja, dezenove anos antes de publicar a *Crítica da Razão Pura*, ele disse o seguinte: “*Eu me veria a mim mesmo como mais inútil do que um simples trabalhador manual se não acreditasse que esta ocupação (a filosofia) pode acrescentar valor a todas as outras e ajudá-las a estabelecer os direitos da humanidade*”.

Logo se vê esta idéia que hoje circula aí de direitos humanos, todo mundo fala em direitos humanos, qualquer imbecil fala em direitos humanos. Esta idéia já está na cabeça do Kant em 1762, uma sociedade baseada nos direitos da humanidade, [1:10] a *Crítica da Razão Pura* é de 1781, dezenove anos depois, sendo que, neste ínterim, o Kant continua escrevendo e depois quando foi mais ou menos por volta de 1770, 1772 ele pára tudo, fica dez anos sem publicar nada e daí, pimba, sai a *Crítica da Razão Pura*.

“A ‘Crítica’, longe de ser o centro e o topo da filosofia de Kant, é apenas um capítulo na realização técnica de um projeto incomparavelmente maior e mais ambicioso. Era assim que o próprio Kant se entendia, e é assim que devemos entendê-lo, sem permitir que a complexidade e a riqueza da ‘crítica’ nos ofusquem. O estado burocrático moderno, capitalista ou socialista, com todo o cortejo de dramas e perplexidades que vêm acompanhando a sua construção, é em grande parte uma realização do projeto kantiano, e jamais o compreenderemos se não tentamos resgatar Kant das suas interpretações escolares usuais e entender a sua filosofia como ele mesmo a entendia.”

Kant a entendia como a construção de uma engenharia, de uma arquitetura filosófica formidável para a realização de um objetivo que era a da sociedade racional.

“Praticamente não há na política contemporânea nenhuma idéia em circulação que não tenha ao menos uma origem remota em Kant.”

Nós vemos que este objetivo sobre o valor da filosofia, que ele se colocou em 1762, era ajudar as pessoas a realizar os direitos da humanidade. Essa idéia de direitos já estava em voga dentro do Iluminismo, dentro da preparação da Revolução Francesa etc., e é a este objetivo que Kant consagra a sua vida. No entanto, ele volta a isso depois da *Crítica da Razão Pura*, e volta até com mais força. Ele volta nos escritos de 1784, três anos depois da *Crítica da Razão Pura* que se chama *Idéia de uma História Universal do Ponto de Vista Cosmopolítico*, ou *cosmopolita*, se quiserem. Ele usa a palavra alemã *weltbürgerlicher*, mas eu acho que a intenção verdadeira é dizer cosmopolítico e não somente cosmopolita. Depois, ele volta a isso no *Tratado da Paz Perpétua* (1795), e, ainda, em um de seus últimos escritos, que se chama *O Conflito das Faculdades* (1798). Podemos dizer que ele estava muito consciente do que estava querendo fazer e, após ter resolvido os problemas da filosofia crítica, ele continua a luta pelos seus mesmos objetivos, isso nós vamos estudar. Existem várias versões dessa *Idéia de uma História Universal* na internet: em inglês, francês, espanhol, italiano e alemão, vocês podem encontrar sem dificuldades. Nós vamos mais facilmente usar esta versão em português, a tradução do Arthur Mourão; ela tem defeitos se comparada a outras traduções, tem alguns

problemas, mas é mais fácil lermos no nosso próprio idioma. Nas próximas aulas eu pretendo voltar a isso.

A filosofia de Kant é um messianismo utópico, acima de tudo. Mesmo assim, Kant era hábil demais para acreditar nessa utopia sem mais nem menos. Ele estava consciente de toda a dificuldade e estava consciente que talvez ela não fosse atingida jamais. Porém, existe uma relação intrínseca, muito profunda e muito significativa, entre a gnoseologia de Kant, isso é, os conceitos que ele coloca na *Crítica da Razão Pura* e o modo como ele enfoca depois os problemas da construção da sociedade racional. Nós precisamos estudar isso com muito cuidado. Veja, por volta de 1753 ele já estava desconfiado de uma coisa que vai voltar tempos depois, nesta época ele disse:

“O fato de que o fundamento pelo qual conhecemos o ser de Deus não é o mesmo fundamento pelo qual Ele é, ou mais genericamente, que o fundamento da cognição não é o fundamento da realidade, tem consequências para a ontologia.”

Bom, do ponto de vista cristão, você não conhece Deus de maneira alguma, exceto pelo fundamento daquilo que Ele é: “Eu sou o Eu sou”. Porque Deus se apresenta naquilo que Ele é. E Ele se apresenta como fundamento de toda a realidade, inclusive como fundamento da sua cognição, a ação do Espírito Santo na sua mente. Mas, para Kant existe aí uma dualidade intransponível. O fundamento daquilo que conhecemos de Deus não é o fundamento pelo qual Deus é. Isto significa o seguinte, Kant só aceita a teologia natural, ele não aceita a teologia revelada de jeito nenhum e nada tem a aprender com a revelação, no entender dele. Então, o conceito que ele tem de Deus é um conceito muito peculiar, do século XVIII, e esse dualismo irrecorrível entre os conceitos e a realidade vai aparecer e reaparecer até o ponto em que, na *Crítica da Razão Pura*, a noção de veracidade do conhecimento será substituída pela noção da sua validade. E isto teve, por exemplo, no domínio do Direito, consequências absolutamente devastadoras. A título de ilustração, tomemos um texto legal, uma constituição, que tem, como dizia Kelsen (que é um kantiano), *a norma fundamental*; uma constituição é por si a base de todo julgamento subsequente. Ela é o topo da pirâmide jurídica e nenhum elemento de realidade pode interferir nisso mais. Interessa o que está na constituição e o que se deduz dela. A realidade não tem uma autoridade superior à constituição. Essa é uma das consequências, mas vamos estudar isso com mais cuidado depois. Vamos ler o livro *Idéia de uma História Universal* (podem ler antes, se quiserem ou podemos ler em parte aqui). Não sei se vamos ler todo o texto, mas pelo menos alguns pedaços que eu assinalei aqui nós vamos ler.

Devo lembrar que vamos ter, do dia de 24 a 29 de novembro, o curso sobre *A crise da inteligência segundo Roger Scruton – exposição e análise crítica* e depois do curso eu vou convidar os alunos que quiserem ir caçar comigo, estou pretendendo ir caçar javalis, vai ser aqui no estado da Virgínia mesmo, não é uma viagem longa, só que aqueles que quiserem precisarão chegar vários dias antes do curso porque existe um treinamento obrigatório de dois dias para você tirar uma licença de caça. Para quem é morador pode tirar pela internet, mas para quem não é morador da Virgínia tem de ir lá pessoalmente. É uma coisa que não dá muito trabalho, são dois dias, 4 ou 5 horas de aula e é uma coisa muito interessante. Então os que quiserem tirar a licença têm de chegar antes, ver as datas e de ir ao departamento de caça da Virgínia, fazer esses cursinhos e chegar em tempo de fazê-los. Depois vamos caçar javalis. Como vocês não podem levar a caça para o Brasil, eu comprarei aqueles que vocês matarem e ficarei comendo javalis por um ano.

Aluno: Existe relação entre o messianismo utópico e a experiência gnóstica em Kant?

Olavo: Com certeza! O simples fato de ele ter reduzido todo o conhecimento de Deus à teologia natural, desprezando tudo o que vem da revelação, já mostra isso aí. O fundo gnóstico em Kant é muito forte, mas nós vamos ter de abordar isso depois porque há mais detalhes no assunto; não é uma coisa assim tão linear quanto parece.

Aluno: Kant foi um dos precursores e também crítico da teoria da evolução. A idéia da sociedade racional, da eliminação de toda a animalidade da alma humana tem algo que ver com a sua concepção evolucionista? [1:20]

Olavo: Sim, em parte. O fundamento mesmo é o conflito que existe, segundo Kant, entre a sociabilidade humana e a insociabilidade: todo ser humano tem, segundo ele, essas duas tendências. Tem essa tendência a se agregar aos outros seres humanos, até por motivos de sobrevivência, mas também tem a tendência de resguardar a sua individualidade e, portanto, criar uma distância entre ele e os outros. Isso quer dizer que em cada um existe esse conflito. Por sua vez, o conflito se expressa na sociedade. Sempre que existir um conflito aberto na sociedade, existirá também um desejo de autopreservação, que leva, por fim, à eliminação desse conflito e ao estabelecimento de certos acordos, pelo menos provisórios. Ele acredita que esse entrechoque de tendências terminará por criar uma ordem geral. Mas isso nós vamos estudar depois, melhor, com o texto “Idéia de uma história universal”.

Aluno: Como o entendimento que Kant tem de Deus está relacionado à sua concepção da natureza humana e da sociedade racional?

Olavo: Não vai dar para responder agora, mas vamos precisar depois.

Aluno: Kant ainda conseguia entender o infinito metafísico?

Olavo: Ele entendia sim, e entendia de uma maneira excepcionalmente clara, pelo menos no começo da sua filosofia, quando por volta de 1769, doze anos antes da *Crítica da Razão Pura*, escreveu o seguinte: “As antinomias”, por exemplo: o mundo é finito, o mundo é infinito; existe Deus, não existe Deus etc., “aparecem quando buscamos o todo, quando procuramos o absoluto no mundo, quando tentamos fazer do infinito um objeto finito.” Ou seja, fazer do infinito um objeto dado a um sujeito. Isso mostra uma concepção muito profunda, e de certo modo ele está antecipando aqui certas coisas que aparecem em Louis Lavelle, que só admite o conhecimento por participação e não o conhecimento que reduz tudo a um objeto do ser humano.

Porém, mais tarde, acho que Kant fez algumas confusões a respeito. Por exemplo quando ele diz que o mundo do espaço e do tempo não é a realidade, mas também não é uma ilusão: ela é a condição da realidade de toda a nossa experiência sensível, dada na intuição. Muito bem, mas por que só na intuição, por que só no conhecimento científico e não na nossa própria existência, partindo do princípio de que um ser que não existe não tem intuição de coisa nenhuma? Por que o espaço e o tempo seriam apenas a condição da nossa experiência sensível, se a nossa experiência sensível é um aspecto da nossa existência? Ele não coloca isso, parece haver um hiato. Desses dualismos, que existem e são sempre mediados por alguma coisa, Kant parece esquecer desse elemento mediador. Aquilo mesmo que ele falou do conhecimento que temos do ser de Deus, e aquilo que faz com que Deus seja; não são exatamente a mesma coisa, mas uma está incluída na outra. Não são espécies do mesmo gênero, não estão no mesmo nível.

Aluno: Como articular a questão do fim que precede e dá forma à filosofia com a ideia da anamnese, entendida no sentido da análise das crenças implícitas nos atos? Como a suspensão das crenças pode ser o primeiro passo no método filosófico ao mesmo tempo em que existe uma crença escondida que não será analisada e que dá origem ao empreendimento filosófico?

Olavo: Ela será analisada, com certeza. Será analisada até criticamente, para poder realizar-se. Isso é uma exigência. Hegel já ensinava que uma idéia, para se converter em ação, deve primeiro encontrar o seu antagonismo. É natural que o próprio esforço de análise crítica da crença faça parte da sua realização. Não há uma contradição, ou melhor: há uma contradição de tipo dialético, e não uma contradição antagônica.

Aluno: Uma arquitetura dos meios muito elaborada é sempre sinal de camuflagem?

Olavo: Não, de jeito nenhum. Inclusive, só vejo um esforço de camuflagem nítido em Maquiavel, não o vejo nos outros. Vejo um esforço talvez de discrição, ou de não querer suscitar polêmica, mas ninguém está escondendo propriamente seu objetivo. O único que tentou mesmo esconder foi Maquiavel, mas escondeu muito mal. Os outros todos acabam revelando, não há propriamente um esforço de camuflagem. O esquecimento ou o obscurecimento dos fins parece fazer parte da própria natureza da atividade filosófica, que se concentra na realização técnica e a ela concede a maior parte dos seus esforços, justamente porque reconhece a dificuldade dos fins. Se você não reconhecesse a dificuldade dos fins, se entregaria diretamente à luta pela sua realização, e não teria esse recuo crítico e analítico que os filósofos têm. Por exemplo, se você quer converter a humanidade inteira, então você sai pregando; mas se você é um filósofo, vai recuar e tentar investigar por que as pessoas resistem tanto, qual é o peso dos vários elementos de uma conversão etc. Você vai tentar realizar a coisa não aderindo ingenuamente a ela, mas não escondendo as dificuldades, e até tratando-as conscientemente e deliberadamente.

Aluno: Acontece de algum filósofo mudar seu objetivo ao longo do tempo? Caso aconteça, imagino que seja fácil perceber isso, correto?

Olavo: Creio que isso aconteceu, e que Max Scheler é um exemplo, ou o próprio Schelling, em que o exame profundo dos fins acaba mudando-os e determinando outros. No caso do próprio Kant: ele só descobriu mesmo o que queria fazer na época da *Crítica da Razão Pura*. Até lá, os fins continuam os mesmos, mas só a partir dessa década em que ficou sem publicar nada é que ele percebeu qual era o verdadeiro tipo de dificuldade que teria de enfrentar, e o trato dessas dificuldades determinou então o resto da sua carreira filosófica, a sucessão das suas obras mais brilhantes e conhecidas.

Aluno: Sou novo no curso e, portanto, peço desculpas por talvez colocar uma questão já respondida. Eu gostaria apenas de ouvir do senhor qual o espírito da sua filosofia.

Olavo: Desde o início eu tive uma experiência muito chocante ou deprimente com o fenômeno da impessoalidade abstrata nas relações humanas; as pessoas que tratam umas às outras a partir de uma identidade social adquirida, de um cargo, ou de uma função legal, sem perceber ou sem prestar atenção na humanidade do outro. Hoje mesmo eu estava vendo, no meu *facebook*, que alguém colocou lá uma mulher que precisava desesperadamente de um remédio para a filha que está morrendo, e aparece um funcionário com um milhão de dificuldades burocráticas no meio. As dificuldades burocráticas existem, mas o seu foco está nelas, na relação burocrática, e não no caso concreto e na pessoa que está ali sofrendo e morrendo. Isso é uma das coisas que mais me impressionaram na vida, e eu me perguntei por que isso

acontecía. Furar essa barreira sempre foi um objetivo de tudo o que fiz na vida. É claro que esse problema assumiu depois várias formas diferentes, mas a idéia do ser humano concreto, da experiência da realidade concreta se sobrepondo [1:30] a todas as nossas fórmulas...

Por exemplo, uma idéia que tenho defendido sempre, de que até as formas do nosso raciocínio, todas as formas da nossa consciência, não são alheias ao universo; é a própria estrutura da presença universal em torno de nós que nos impõe isso de algum modo. Acabando, portanto, com esse abismo kantiano no mundo dos conceitos, em que ele pergunta como os conceitos que nós pensamos podem se relacionar com a realidade; eles podem se relacionar com a realidade porque eles vieram de lá e não da nossa mente. Eu contei, em um episódio autobiográfico, a experiência das seis direções do espaço, que para mim não foi uma experiência teórica, mas foi uma coisa muito real, pelo fato de eu passar muito tempo deitado doente, e quando ia me levantar o mundo horizontal era um outro mundo para mim. O mundo vertical era uma outra coisa, o peso, a dificuldade de movimento, tudo isso para mim tinha uma realidade, e eu percebia o quanto a minha vida interior dependia disso. Por exemplo o fato de que muitas vezes você acorda e está meio tonto, não sabe onde está, o que faz? Você vai pensar? Não, vai olhar em volta, e a visão do mundo em torno reorganiza a sua mente. Então eu acredito que todas as categorias do nosso pensamento são categorias da própria estrutura do universo, que por assim dizer, se imprimem em nós. É claro que o cérebro humano tem uma analogia com isso; se não tivesse, não poderia impregnar mais nada além do cérebro, inclusive porque o cérebro não é nada além de mais um objeto do mundo exterior. O seu cérebro não é um pensamento que você tem, mas é uma coisa que existe no espaço-tempo. A abertura a este universo da vida concreta, que não é acessível a nenhuma ciência em particular, para mim era a condição de uma recuperação do diálogo humano, do contato humano entre as pessoas.

Também o fato de que na sociedade humana existe muito medo, e o medo faz com que as pessoas se protejam por trás de suas funções sociais, de seu emprego, de seu cargo, do regulamento etc, para não ter de enfrentar uma presença humana real. O mundo dos sentimentos humanos reais, do encontro real entre seres humanos, o amor verdadeiro; tudo isso era o que eu via que estava praticamente perdido. Você encontrava isso, por exemplo, em certas relações muito íntimas com pessoas, mas no dia-a-dia você não encontrava, e se relacionava não com pessoas, mas com cargos e entidades abstratas. Por exemplo, no trabalho, era possível pensar que, pelo fato de trabalhar no meio de jornalistas (pessoas mais intelectualizadas), o contato humano seria mais verdadeiro, mas não é. Ao contrário, no meio jornalístico a estrutura predomina ainda mais sobre os seres humanos concretos. Eu comecei a pensar de onde vinha tudo isso, e hoje eu sei que isso é o demônio. Eu não digo que essa tenha sido toda a motivação, mas foi uma delas.

Aluno: Em que medida o poder do filósofo se aproxima daquilo que o senhor chama de poder profético?

Olavo: É a mesma coisa, em última instância. É o poder de tipo espiritual. Porém, a retaguarda do profeta é diferente da retaguarda do filósofo. O filósofo não tem o mandato divino. Às vezes ele pode até ter, como alguns santos, mas não enquanto filósofo. Enquanto filósofo ele está sozinho na jogada e não tem outra autoridade além daquilo de que ele possa persuadir outras pessoas. Como Sócrates, por exemplo: no fundo Sócrates não tinha autoridade alguma, exceto a da concordância entre as almas. Como aquilo que ele dizia ecoava na alma dos outros, dali se criava uma espécie de autoridade natural. A autoridade profética não, ela tem uma ligação profunda com a própria estrutura da realidade, já de início. Daí que a palavra profeta vem do verbo *profero*, que quer dizer “fazer acontecer”. O profeta não anuncia que as coisas vão

acontecer, ele vem com o mandato de Deus, que significa que ele está fazendo acontecer aquilo. É por isso que a autoridade do profeta ultrapassa de muito a autoridade do filósofo. Há quanto tempo as pessoas estão obedecendo Moisés? Cinco mil e tantos anos. E obedecendo integralmente. Isso nenhum filósofo consegue. O filósofo consegue ter uma influência mais genérica sobre a sociedade, e não uma obediência.

É o mesmo tipo de poder, entre os três tipos básicos: o poder político-militar, o poder econômico, e o poder intelectual-espiritual. Só existem esses três, e dentro de cada um há uma gradação enorme. Eu tenho algum poder econômico, mas não vai se comparar com o poder econômico de um Rockefeller, do George Soros, e assim por diante. Nós exercemos nosso poder econômico em níveis diferentes, do mesmo modo que um filósofo, mesmo de grande estatura, não vai poder concorrer com Moisés, nem pretende. Mas é o mesmo tipo de autoridade, legítima ou ilegítima.

Aluno: Pode explicar melhor a última frase do primeiro parágrafo? "O filósofo que tomasse como tema a estrutura da sua própria filosofia para discorrer sobre ela já a estaria nesse mesmo momento inserindo como parte de uma estrutura maior"

Olavo: É lógico, pois a própria estrutura por si não se contém a si mesma como objeto. Isso seria impossível. Então seria preciso criar uma outra estrutura mais profunda que explicasse a existência da estrutura da sua filosofia tal como ela existe atualmente. Seria preciso criar uma metalinguagem, por assim dizer.

Transcrição: Leonardo Tavares Valente de Castro, Tamas Souza, Wellington Rossi Kramer e Caio Garcia Jardim Jorge
Revisão: Henrique Bernardes